

## **LITERATURA, ETNOGRAFIA E MARGINALIDADE: O CASO DE “CIDADE DE DEUS”**

Claudia Quiroga Cortez  
Doutoranda do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação das Americas-CEPPAC  
Universidade de Brasília

Os grupos marginalizados no Brasil sempre estiveram presentes na sociedade, desde a sua construção, mas nem sempre foram escutados, vistos ou inseridos nela. As vezes, os setores dominantes da sociedade e os governos têm mostrado interesse em inseri-los na sociedade, mas nem sempre com bons resultados. Esses grupos também foram de interesse da literatura -de fato existe uma linha de literatura marginal. No século XIX, esta parte da literatura mostrava o tema da marginalidade revestido dentro de um apelo jornalístico literário, com traços de excentricidade e exotismo. Pode-se mencionar autores como Lima Barreto ou João do Rio com suas crônicas sobre Rio de Janeiro.

A temática da marginalidade, hoje em dia, não apenas refere-se ao delinqüente ou à uma prostituta, mas o conceito de marginalidade ampliou-se para incluir outras categorias que não necessariamente são delinqüentes ou analfabetos, mas de orientação sexual, cor, gênero, etnia, etc. O problema é que o termo marginalidade contem todas essas categorias, e outras mais, no seu interior conceptual. No transcurso do tempo, a literatura marginal do século XX tem resgatado esses grupos para mostrar uma outra face da sociedade. Com esta mostra, se pode dizer que a literatura marginal cumpre uma função social utilizando a denuncia como um instrumento ou ferramenta, embora não toda a literatura tem essa vocação.

O romance “Cidade de Deus” do autor carioca Paulo Lins, o qual será analisado neste trabalho, faz parte dessa literatura brasileira cuja temática é a marginalidade, porém com um estilo mais etnográfico, o que outorga outras perspectivas tanto ficcionais quanto críticas. No romance de Paulo

Lins se podem encontrar juízos de valor ou critérios, que trazem a superfície uma certa postura do autor frente à sociedade que lhe tocou presenciar, ou talvez, viver.

O autor vive um momento histórico dominado por uma estética que prioriza a violência social, em seu sentido mais amplo, e uma a fragmentação da condição humana. Lins elabora seu romance a partir de material jornalístico, etnográfico e ficcional (CdeD (549)<sup>1</sup>. Para compactar poder-se-ia dizer uma estética híbrida, na qual se intersectam três campos: o jornalístico, o etnográfico e o romance. Nesse triple híbrido, o objetivo deste trabalho é observar a entrada do método etnográfico de pesquisa dentro da literatura brasileira contemporânea sem que isso signifique o apagamento da linha jornalística dessa literatura por um lado, e o tema da marginalidade, pelo outro.

Clifford Geertz<sup>2</sup> reflexiona, entre outros assuntos, sobre o que chama de uma “mistura de gêneros” dizendo que esta sempre existiu, mas que agora se tornou difícil mais categorizar os autores numa ou outra disciplina. Geertz fala desde a disciplina da antropologia e faz um apelo à hermenêutica, ou como o autor prefere a uma “explicação interpretativa”, porém sempre com uma postura cauta com respeito ao uso de modelos vindos de outras áreas.

O autor reconhece que as ciências sociais estão recorrendo às humanidades na busca de suas analogias explicativas, o que significa ao mesmo tempo uma desestabilização dos gêneros. O anterior também faria com que existira uma remodelagem da teoria social em termos mais conhecidos. Essa remodelagem afetaria também aos grupos acadêmicos causando assim uma irmandade interdisciplinar, pois os grupos acadêmicos de comunidades intelectuais estão se cruzando em “ângulos excêntricos”.

---

<sup>1</sup> Lins, Paulo. *Cidade de Deus*, São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Pag. 17. Doravante as citações referentes ao romance estarão em parêntese e com a abreviatura CdeD.

<sup>2</sup> Geertz, Clifford. “Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social” *O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*, Petropolis, RJ: Vozes, 1997.

Geertz aponta para uma complementaridade entre as Ciências Sociais e as Humanas, não apagando a natureza dialética existente entre as duas. Todavia, o propósito de Geertz é sintetizá-las numa teoria social. Sua análise tenta demonstrar como “qualquer coisa desde a organização de grupos de parentesco, comércio, leis comuns até a mitologia se combinam para formar uma afirmação dramatizada de um modelo específico de teoria política, uma concepção única do que são e devem ser o status, o poder, a autoridade, e o governo; ou seja, uma replica do mundo dos deuses que é, ao mesmo tempo, um modelo para o mundo dos homens”<sup>3</sup>.

As formas de enfocar o objeto de estudo na etnografia são diferentes da literatura. Pode-se dizer que na última existe menos constrangimento, pois utiliza a ficção como artifício enquanto que a etnografia deve proteger suas fontes. O etnógrafo tem o papel de observador, ainda que também é observado. Na etnografia, há uma certa empatia com o grupo escolhido, podendo ser pessoal e/ou profissional, já na literatura se podem tratar questões de caráter mais individual e até psicológicas, em vez da etnografia que tende a focalizar as estruturas sociais. O romance de Lins tem uma certa vocação de apresentar um retrato social, isto é, um interesse em mostrar a realidade social de uma parcela da sociedade contemporânea brasileira, interesse também apresenta na etnografia. Pode-se dizer que o livro é um romance etnográfico do Brasil, pois não se baseia em memórias da infância do escritor ou em sua biografia.

Uma das características da etnografia é o “trabalho de campo” no qual o etnógrafo se desloca do seu local para se dirigir a um outro que é estranha, diferente, e lá “ver”, “ouvir”, “escrever”<sup>4</sup>. O autor do romance *Cidade de Deus* afirma que o romance foi escrito a partir de uma pesquisa antropológica. Paulo Lins foi assistente de pesquisa num projeto antropológico entre 1986 a 1993, mostrando assim o

---

<sup>3</sup> *Ibid.*, pág. 48.

<sup>4</sup> Cardoso de Oliveira, Roberto. *O trabalho do Antropólogo*, Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

interesse do autor com respeito ao objeto a ser observado, neste caso a criminalidade nas favelas de Rio de Janeiro. Logo, o etnógrafo terá de escrever o texto, a partir do observado, do ouvido, do escrito no seu “diário de campo” e trazer todo esse material para um “estar cá”. A dimensão etnográfica/realista diminui as distâncias entre o mundo do autor e o mundo dos favelados, justamente pelo seu caráter de “estar aí” ou, para ocupar um termo antropológico, de “estar em trabalho de campo”.

Ainda que aqueles que falam em nome dos grupos marginais não façam parte desse grupo, são eles, que na maioria dos casos, levam não apenas as vozes, mas também carregam a visão de mundo dos favelados. Esta visão de mundo é representada tanto etnográfica quanto literariamente no romance, mas, ao mesmo tempo serve como veículo de comunicação para informar ao público -neste caso, o leitor- sobre este outro mundo, o da criminalidade, o qual apesar de ter regras próprias não deixa de ser parte da sociedade de Rio de Janeiro.

O romance de P. Lins narra parte da história da criminalidade da favela Cidade de Deus, de um coletivo que representa uma parcela da sociedade contemporânea brasileira. A marginalidade ao qual Lins se refere é aquela da favela de carioca de Cidade de Deus, que a partir de 1966 recebia pessoas de outros lados sendo trasladados devido às enchentes. Nela, hoje moram 300.000 mil pessoas. O recurso do tempo mostrado, desde o início do romance pelo adjetivo “antigamente”, indica como era antes a favela e como é na atualidade, tanto nas suas ruelas quanto nas pessoas que habitam ou habitavam a favela. Os personagens podem ser associados à vida real muito facilmente a partir das notícias nos jornais ou na televisão, mas também podem fazer parte do imaginário mítico do mundo da favela.

O autor descreve a favela, ou melhor, como ele próprio chama, “neofavela” territorializada, onde se disputam forças de uma mesma ordem, isto é, entre os próprios delinquentes para ganhar as bocas de fumo, ou de ordens diferentes com é o caso dos policiais, os quais mesmo pertencendo à ordem legal do estado, são corruptos ao receber dinheiro dos traficantes que pelos seus próprios atos os tornam marginais.

Os personagens do sub-mundo das favelas cariocas exercem um poder explícito e concreto ao morador da favela. Nas favelas, os chefes de gangues ou morrem muito jovens, em parte pelos confrontos entre eles mesmos, ou alguns passam anos na cadeia. São poucos os chefes que chegam a uma vida adulta<sup>5</sup>. Alguns deles fazem parte de uma memória coletiva, não apenas pelo seu histórico criminal, mas também pela sua ajuda à comunidade.

Embora para a classe dominante o fato de viver numa favela já caracteriza uma certa marginalidade, não todos os habitantes da neofavela são marginais: há “trabalhadores”. Alias, palavra muitas vezes usada no decorrer do romance, como contraposição à de bandido, mas também ligada à palavra otária.

Os chefes das gangues do romance de Lins transitam pelo lado da criminalidade e pelo lado do afeto. São lembrados com carinho pelas pessoas que vivem na favela. Esse movimento pendular entre os dois mundos foi desenvolvido por Antonio Candido no seu ensaio “Dialética da Malandragem”<sup>6</sup>, no qual discute o trânsito entre essas duas ordens: o lícito e o ilícito. Se num momento estão assaltando,

---

<sup>5</sup> Silva de Sousa, Rosinaldo. *Impactos locais do Crime Organizado Global: observação a partir das favelas da cidade do Rio de Janeiro*. Tese de Mestrado defendida em Dept. de Antropologia, UnB, 2002.

<sup>6</sup> Cândido, Antonio. “Dialética del Malandraje: caracterización de las ‘Memorias de un Sargento de Milicias’” in: *Crítica Radical*, Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991. O artigo foi publicado originariamente na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, No. 8, Universidade de São Paulo, 1970.

matando ou estuprando, no outro estão promocionando uma festa na favela ou evitando brigas entre eles mesmos.

“Salgueirinho morreu, Salgueirinho morreu!!! ... Lá na Frente, o corpo foi coberto com lençol azul, cada um que chegava ascendia uma vela para que a luz, muita luz iluminasse os mistérios do caminho que a alma de Salgueirinho começava a seguir. Era a única forma de ajudar aquele malandro que nunca deixara a desejar. Chegava nas biroscas pagando tudo, respeitava todo mundo, dava dinheiro às crianças, estava sempre de bom humor; na frente dele ninguém fazia covardia” (CdeD.111)

Outra oscilação pendular estaria também no nível das categorias, isto é, de bandido e malandro que Lins apresenta no seu romance. Num momento são malandros: “malandro que é malandro tem que saber chegar e saber sair, esperar a hora certa para tomar as atitudes” (CdeD.128); em outros são bandidos: “Não sou bandido não!- ... meu irmão, tu não era, agora tu é e teu inimigo só vai ficar tranqüilo quando matar você” (CdeD. 409). Roberto Schwarz traz de volta a idéia de dialética de malandragem, no seu artigo com respeito à ambivalência no vocabulário que “traduz a instabilidade dos pontos de vista embutidos na ação, um certo negaceio malandro entre ordem e desordem”<sup>7</sup>.

Outra característica da etnografia é o processo de mapeamento físico, isto com suas coordenadas geográficas, mas também o faz num nível social. O mapa da Cidade de Deus é delimitado primeiro numa visão macro da seguinte forma: Lá em cima, Lá na Frente, Lá embaixo, Lá do Outro Lado do Rio e os Apês; mas também na sua forma microscópica com suas ruas: “de cimento, armada

---

<sup>7</sup> Schwarz, Roberto. “Cidade de Deus”. *Sequências Brasileiras: ensaios*, São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pág. 164. Este ensaio foi publicado originalmente no Caderno “Mais!” da Folha de São Paulo, 07 set. 1997.

de becos-bocas, sinistros-silêncios, com gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas” (CdeD.17).

Essas coordenadas apresentam sinais sociais que são inteligíveis para uma parte da sociedade carioca enquanto que para a outra não. Se o mapeamento da favela oferecido por Lins mostra uma forma de territorialidade, este também reflete a clivagem social e espacial existente na sociedade brasileira. A forma de representação literária e etnográfica utilizada por Lins permite uma comunicação, uma forma de saber sobre a existência do outro.

Se anteriormente se falou sobre algumas características que fazem parte da antropologia, não significa deixar de lado a dimensão literária. Como se indicou no início do trabalho, essa literatura que tem por temática a criminalidade urbana não é nova. A crítica tem escrito bastante ao respeito, tanto a partir do ponto interno da obra quanto da temática abordada pelo autor, lembremos o extenso artigo de Schwarz<sup>8</sup> que foi publicado no caderno Mais! da Folha de São Paulo (07/09/97), indicando que o romance “merece ser saudado como um acontecimento”, mas sempre com um olhar crítico.

Sem negar as possíveis qualidades literárias do romance, o intuito é deter-se no rasgo social de uma parte da sociedade favelada de Rio de Janeiro a qual é representada literariamente. No romance de Lins, ela é apresentada na forma de textos dramáticos sociais, de denuncia. Com já se falou, o drama social pode ser encontrado em todos os níveis da organização social, desde o Estado à família, e não fazem parte de uma memória individual, mas de uma coletiva. Sendo assim, o drama social do romance aqui analisado estaria encarnado no mundo marginal da favela, e também de aqueles que não são parte do mundo do crime. O romancista volta a reproduzi-lo, por meio do artifício ficcional, dando

---

<sup>8</sup> *Ibid.* pág. 164.

vozes a essa parte da sociedade. Pois a guerra na favela não só afeta aos da própria gangue, mas também àqueles “trabalhadores”.

O anterior nos coloca diante de uns dos problemas do próprio fazer literário que seria ao lugar de fala: quem fala e qual é o lugar de onde se fala, que de alguma forma cria tensões importantes. Com isto, se desprendem questões como legitimidade e representatividade. Surgem perguntas tais como: é legítimo que P. Lins seja a voz dos marginais? Pode ser P. Lins representante dessa parcela da sociedade carioca? As respostas são sempre ambíguas. Pode-se afirmar que pelo fato de P. Lins ter nascido e criado numa favela homônima<sup>9</sup>, em certa forma, o faz ter legitimidade e autoridade. A experiência e o saber da favela sustenta esta legitimidade e autoridade: é como “estar ali”

Mas, também é como “um estar cá”. O romance escrito em terceira pessoa marca um distanciamento que se estende no uso da linguagem. A voz dos chefes das gangues com sua linguagem própria se contrapõe com a voz do narrador/autor no seu discurso literário denunciativo, que alias não é dele, mas do coletivo, pois o narrador está repetindo algo que foi falado para ele. Vejamos:

“O armamento pesado, exibido despidoradamente, adentrou na paisagem cotidiana dos habitantes locais. Os amigos não se procuravam mais, os parentes não se podiam visitar. Cada macaco no seu galho. Era o que diziam” (CdeD.429).

No romance opera um conjunto de vozes, mas o distanciamento lingüístico/gramatical faz com que a voz do narrador ocupe um lugar mais alto com relação às outras do romance, e também um distanciamento entre o leitor - e o autor - em relação com a trama do romance, e que pode ser

---

<sup>9</sup> Silva de Sousa, Op.cit.



expandido ao distanciamento do etnógrafo para escrever seus trabalhos. Também, no caso do próprio autor, ele pode ser considerado diferente da maioria das pessoas da favela, pelo fato de ter alcançado um lugar de destaque dentro da literatura contemporânea brasileira. Portanto, novamente estaríamos diante do movimento pendular, de um “estar ali” e um “estar lá”. Assim, tanto o autor quanto o gênero do romance transitam por esses mundos.

## **Conclusões**

Se durante o século XIX a marginalidade era apresentada na forma de exotismo ou excentricidade por meio das crônicas e as matérias jornalísticas, hoje o tema da marginalidade não seria tão excêntrica e teria muita mais substância científico-social devido a sua interface com a etnografia. Como os exemplos anteriores tentaram mostrar. Acredito que parte do jornalismo também mudou de forma de ver, deixando o exotismo e abrindo-se para uma realidade muito mais complexa e desumana. São manifestações artísticas difíceis de ser entendidas, pois não cabem na noção de imaginação criadora clássica. A recombinação desses elementos parece dar contornos de credibilidade.

O problema da marginalidade não é uma tendência literária exclusivamente; também está ligado ao político e ao social. A existência de uma vocação de denúncia é o que anima a literatura marginal, entendendo ela no seu atual desenvolvimento como categoria social, cultural, econômica e sexual. É uma literatura que vai tateando em diferentes direções: negro, mulher, homossexual para mencionar algumas. E, que vai incorporando novos modelos de marginalidade, sem esquecer os elementos das gerações anteriores, o qual estaria representado na figura mítica do “malandro” ou “bom bandido” e que é

reproduzido no romance de Cidade de Deus. Não estou justificando o, nem celebrando essa figura mítica, senão constatando a presença dessa figura em pessoas reais.

A visibilidade alcançada, não apenas do mundo do crime, mas também a marginalidade, através de este gênero híbrido, isto é, jornalístico, etnográfico e literário faz com que a problemática da marginalidade adquira consistência e veracidade ao retratar o universo das pessoas da favela. Infelizmente para a favela conseguir visibilidade significa guerra sangrenta, violência tremenda para aparecer nos meios de comunicação.

Em relação ao autor, Paulo Lins apresenta uma postura social, e inclusive política. O mundo criado por ele, reflete um conhecimento da sociedade, um engajamento com a sociedade, não apenas com aquela que lhe é mais próxima, mas também a sociedade em geral.